Eça de Queirós e o Brasil

DOLOR BARREIRA

Num determinado período da nossa evolução mental — das duas últimas décadas do século passado aos primeiros três lustros do século em curso — Eça de Queirós foi, no Brasil, o objecto de verdadeira idolatria literária. Os livros do notabilíssimo escritor eram lidos fèbrilmente, frenèticamente, absorventemente... Fanatismo, obsessão, nevrose ecista ou queirosiana, como queiram... (1)

Sem dúvida aludindo a esses tempos, de saudosíssima memória, é que José Maria Belo, no seu ensaio — "AS IDOLATRIAS LITERÁRIAS — EÇA DE QUEIRÓS E A SUA IN-

(1) Escreve a propósito o português Alberto de Oliveira: "Culto é a palavra exacta, creio eu, para designar a admiração e o entusiasmo com que os escritos de Eça de Queirós eram acolhidos pelos seus leitores brasileiros. Mais talvez ainda que em Portugal, onde as inovações do escritor abalavam tradições e rotinas, e onde as suas irreverências satíricas lhe suscitavam inimigos, no Brasil a repercussão da sua obra foi desde logo imensa e o seu nome alcançou um prestígio sem reservas. Se Eça de Queirós, que morreu pobríssimo, se tivesse mudado para o Brasil e aqui pusesse a render o seu talento, não lhe seria difícil deixar uma fortuna a seus filhos. Em concurrência com os romancistas do país, e com a tão contagiosa literatura francesa, nem por isso o seu triunfo lhe foi disputado ou a sua influência conheceu quaisquer obstáculos. E assim se demonstrou mais uma vez que Portugal e o Brasil, sem prejuizo de nenhuma das suas independências legítimas, e para maior lustre da civilização comum de que são herdeiros, continuam a ser (como disse o escritor e diplomata brasileiro Salvador de Mendonça) uma República Unida no domínio das letras.

Os brasileiros que frequentavam as escolas no tempo em que Eça de Queirós deu á publicidade os seus livros, contam-me ainda agora, com

FLUÊNCIA NO BRASIL" —, escrevia: "De certo não há escritor mais lido e mais querido no Brasil do que Eça de Queirós. Sem exagero, poder-se-ia afirmar que os moços da nossa última geração literária colheram nos seus livros as primeiras impressões de vida espiritual, o primeiro critério para o julgamento dos homens e das coisas. A sua influência foi extraordinária; no pequeno mundo das letras brasileiras contemporâneas, Eça ficou uma espécie do que foi Balzac ou do que foi Flaubert para os escritores franceses do segundo império: um indiscutido e idolatrado. Como em França se chamou de *bovarysmo* a monomania de Flaubert, seria possível entre nós um neologismo análogo, o *ecismo*, por exemplo, para caracterizar o culto excessivo que o escritor português nos mereceu. Bem ou mal, todos nós fomos seus discípulos, admiradores entusiastas dos seus processos artísticos, senão plagiários mais ou menos servís, por não querermos compreender que aos escritores puramente intelectuais, como Eça, não se imita sem o risco do plágio".

O sucedimento assinalado podia ser atribuído a duas razões: uma, de ordem geral, é que Eça, "como nenhum outro escritor do seu tempo, soube visionar integralmente a vida humana, em todas as suas ridículas baixezas e em todos os seus bens consoladores; é que ele fixou maravilhosamente a Vida";

---

alvoroço não extinto, o delírio intelectual em que essa leitura os mergulhava. Havia quem recitasse de cor páginas inteiras desses livros. As melhores passagens dos *Maias*, as suas graças mais fulgurantes, as suas figuras mais típicas, eram repetidas, comentadas, glosadas tão excitadamente pela mocidade do Rio de Janeiro, de São Paulo ou do Recife, como pela de Lisboa, do Porto ou de Coimbra. Quando nós, á passagem na Estação Velha do comboio feliz que levava no seu regaço aquele precioso passageiro, agitávamos com fervor as nossas capas de estudantes, mal supunhamos que, na outra metade do mundo, separados de nós por quatro mil milhas de água, mas nossos irmãos pela língua que falavam, pelo coração que nessa língua desabafava, pelo sangue que nesse coração latejava, outros estudantes podiam sentir de longe o contacto eléctrico dos nossos adeuses e vivas, e fazer arrebatado coro com eles! Uma simples pena de escritor actuava entre nós como um magnete, aproximando-nos, e servia de ponte que, por longo tempo, há de assegurar a passagem, e a troca fecunda de ideias e sentimentos, entre os habitantes europeus e americanos das duas praias da Lusitania" (*in* EÇA DE QUEIRÓS VISTO PELOS SEUS CONTEMPORANEOS, págs. 385 e 386).

a outra, de natureza particular, e que o emérito ensaista destacou, é que Eça, dada a analogia de temperamentos, a identidade de gostos, o modo igual de compreender e sentir a vida, "tinha todos os requisitos para encontrar, como encontrou, a máxima repercussão entre a mocidade brasileira. A sua irreverência, a sua *ligeireza*, a sua impudência mesmo, correspondem à nossa irreverência, à nossa *ligeireza*, à nossa impudência, como é nosso também, pelo menos depois da República, na megalomania que se vai tornando crónica, o seu amor pelas coisas elegantes, pelo próprio luxo grosseiro e banal".

Clóvis Ramalhete, pondo em foco o culto a Eça, no seu tempo, no Brasil, dá-nos conta, pelo miúdo, da sigular ocurrência literária. Afirmando, de início, na sua obra "EÇA DE QUEIRÓS", laureada pela Academia Brasileira de Letras, que, por todo o Brasil, os contemporâneos o elevaram a génio máximo da língua" e que, "em certa época, por aqui, houve mania", ajunta: "Pode-se mesmo afirmar que o Brasil consagrou e adotou Eça de Queirós *antes de Portugal*. No Maranhão, fundaram uma estranha" PADARIA ESPIRITUAL EÇA DE QUEIRÓS", espécie de Cenáculo Brasileiro dos VENCIDOS DA VIDA de lá que se propunha: batalhar pelas letras e amar o romancista. Em Cuiabá, na bruteza da mata, entre índios e padres catequistas, lia-se atentamente aquele puro filho da civilização. De lá alguém escreveu uma carta ao criador de Gonçalo Mendes Ramires, o qual a presenteou a Melo Viana, então médico da sua família em Paris, e donde se tira a prova da atenção com que era lido, à noite, nos serões daquelas paragens, quando, pela janela aberta, chegavam coaxar de rãs e cri-cris de grilos". "Também em São Paulo e no Rio de Janeiro havia adoradores. A roda boémia do Café Papagaio e das empadas do Pascoal era fervente dessa religião, Bilac a frente, e logo, Raimundo Correia, Martins Fontes, Tomás Lopes, Emílio Menezes, Coelho Neto, Bastos Tigre, Aluísio Azevedo, Goulart de Andrade e Paula Nei. Esse, no íntimo, havia de se sentir um pouco João da Ega, no Rio daquele tempo..."

"Durante a vida toda" — adverte Martins Fontes — "Eça de Queirós andou conosco, iluminando a nossa roda literária, a nossa boémia dourada, — ele, exilado num casarão em Bris-

tol, os outros, na rua do Ouvidor, no Rio, evocando a sua presença".

Na tarde em que apareceu, no Garnier, o primeiro exemplar de *A Cidade e as Serras*, César da Silva o adquiriu e começou a lê-lo, mesmo na rua. Eram cinco horas da tarde. As seis da manhã, ainda o relia. Deveria fazer exame de Direito Civil nesse dia. Nada estudou da matéria, ou não a repassou. À banca de exame, exausto, olheirudo, interrogado pelo professor por que motivo assim se achava, confessou não saber muito bem o ponto, por ter passado a noite toda embebido no último livro de Eça de Queirós... Nenhum dos professores conhecia ainda a obra póstuma. César da Silva contou o entrecho, citou períodos, encantou a mesa e a assistência, e foi aprovado plenamente. (2).

Episódio, de resto, eloquentemente característico desse culto, como que religioso, ao excelso criador do tipo imortal do Conselheiro Acácio, que "saía das páginas de um romance para participar da vida real, independente do seu criador", é Olavo Bilac, em Lisboa, no ano de 1905, saltando, num gesto dramático, a grade, que guarda o monumento a Eça, depositando-lhe, aos pés, um molho de cravos amarelos e beijando-o na face.

Garcia Redondo, visitando, em 1906, a marmórea figura, teve, por sua vez, desejo de beijá-la, e só não o satisfez, porque um guarda imprudente não concordou em que ele saltasse o gradil. E' ele mesmo quem o refere, e acrescenta: "Mas, atirei de longe o meu beijo à nobre figura de Eça, que tantas e tão gratas emoções me deu sempre com as suas páginas peregrinamente belas, com o seu humorismo fino e profundamente gaulês".

Diz-se que, à lutuosa notícia da sua morte, occorrida a 16

---

(2) Este facto é Martins Fontes quem assim no-lo relata, no seu *Terras da Fantasia*, pág. 137 e 138.

de Agosto de 1900, muita gente o chorou sentidamente, como se tivesse perdido uma pessoa da família, um ente querido...

Não eram só os seus livros — cumpre salientá-lo — que nos interessavam irredutìvelmente; era também o seu viver de todos os dias, cheio da sua religiosidade, das suas superstições, das suas crendices, do seu medo da morte, das suas predileções, das suas extravagâncias... Escarafunchava-se e esgaravatava-se tudo isto e de tudo isto se sabia... O mestre, ao se meter na cama, persignava-se, murmurando: "E' preciso obedecer com fé e sem exame às leis subtis das coisas"... Só entrava com o pé direito à casa dos amigos, tinha horror às bruxas, ao azeite derramado, ao uivar dos cães, ao piar das corujas... (3) Aterravam-no as correntes de ar, e andava contìnuamente a fechar a janela, ou as portas, a mudar a posição da cadeira onde se sentava, dizendo em voz cava: "E' a pneumonia, a congestão pulmonar fulminante, a morte!"... Adorava as crianças, as aves, as coisas frageis... Tinha a mania das gravatas

---

(3) Uma das notas características — escreve P. Moreira das Neves — do espírito de Eça de Queirós é o seu supersticiosismo, fartamente documentado na sua obra e garantido pelos amigos que o conheceram na intimidade.

Escreve António Cabral: "Disse-me o ilustre escritor José António de Freitas que tendo dormido muitas vezes com Eça de Queirós no mesmo quarto no Palácio de Santo Ovídio, dos Condes de Resende, viu que o romancista usava bentinhos ao pescoço. Supersticioso como um espanhol, em tudo via maus preságios, agoiros e enguiços. Estou em dizer que muito deveria desgostar-se com o seu apelido "Eça", por este lhe lembrar um cenotáfio e lhe cheirar bastante a defunto.

Nunca entrava numa casa, ou galgava uma estrada, ou transpunha uma porta, que não fosse com o pé direito, e se, por ventura, ao cimo de vinte ou trinta degraus, ficava em dúvida sobre a prioridade desse pé na ascenção, descia rápidamente as escaleiras e repetia a subida, colocando então, com segurança e absoluta certeza de se não ter enganado, o pé direito no primeiro degrau".

Quando morava no Rossio, prédio n. 26, havia inquilinos da mesma casa que, sentindo-o entrar, vinham para as escadas vê-lo na contradança...

António Cabral conta ainda: "Em Coimbra, na casa do Dr. José Dória... tinha no seu quarto de estudante uma cômoda, em que um dia se

encarnadas, que possuia em barda, e "por todos os perfumes, uma idolatria pagã e sensual"... Era ardoroso amante das dálias, como Balzac das violetas...

O Ceará, de sua parte, foi presa, de maneira incoercível, desse magnetismo... Por aquele tempo, leu-se, entre nós, delirantemente, o inegualável ironista da "Correspondência de Fradique Mendes". Pelo que me toca, não minto declarando que devorei, não menos de três vezes, a obra completa do genial bastardo de Póvoa de Varsim, das "Prosas Bárbaras", obra de pura imaginação romântica, "cheia de incoerências e vagas aspirações ideais, subordinada às mais contrárias influências alemãs, francesas e inglesas", até as "Lendas de Santos", em que o simbolista, através das lapidares páginas dos seus "S Cristovão", "Santo Onofre" e "S. Frei Gil", parece ter atingido à máxima perfeição artística.

Devorei, sim, porque lhe absovi cada volume, "de um só

---

ouviu um estálido de madeira. — São bruxas!... disse-lhe, a brincar, um companheiro da casa. Tanto bastou para que Eça nunca mais abrisse as gavetas do móvel, dando-o pouco depois a outro estudante..."

Palavras textuais de Raul Brandão: "O Eça usou toda vida bentinhos ao pescoço. Vi-lhos eu, que dormi por diferentes vezes com ele no mesmo quarto...".

Porque lhe conheciam a fraquesa, gostavam os camaradas de Eça de lhe fazer partidas. "De uma vez, encheram-lhe a casa de cobras inofensivas, e de outra vimos, com espanto, avançarem pela casa dentro três antigos chapéus altos! Era que eles tinham metido três papagaios dentro de velhos penantes comprados num ferro-velho".

Júlio Teles de Sampaio Rio, que conheceu o romancista em Leiria, foi por ele um dia convidado para um passeio. Ao chegarem á calçada do Panta, para os lados da Barosa, encontraram uma pobre velha cega de um olho. Eça parou, aborrecido, e logo propôs o regresso á casa.

Em Lisboa, Eça passava longas horas de conversa com Jaime Batalha Reis que por sua vez informa: "De ordinário, nas noites de composição e conversa mais absorventes, ou em seguida ás nossas divagações peripatéticas, o Eça de Queirós dormia em minha casa. E havia para ele ritos determinados no modo de dispor a roupa que despia, antes de se deitar, colocando os punhos sobre uma mêsa, pela ordem por que os tinha usado, no braço direito e esquerdo respectivamente..." (*in O Grupo dos Cinco* (Dramas Espirituais), págs. 130 a 132).

trago, desde a primeira linha até à última, no espaço de algumas horas", à maneira do que ocorrera com Ramalho Ortigão — conforme ele mesmo narra —ao ler, pela primeira vez, "Madame Bovary", "uma das mais belas obras do génio".

E em cada nova leitura, surpreendia eu, encantado, milagres de observação, acuidades psicológicas, subtilezas de ironia e bisarrices de estilo não entrevistas ou vislumbradas na leitura anterior...

Eça de Queirós, porém, correspondia a esse absorvente e lisongeador interesse dos brasileiros pela sua obra, interessando-se, de seu lado, pelas coisas do Brasil, pela sua literatura e pelos seus escritores, ele, em cujas veias correu o sangue brasileiro, porque no Brasil nasceu o seu genitor, o Dr. José Maria de Almeida Teixeira de Queirós, que foi juiz no Porto, Presidente do Tribunal do Comércio e Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, em Lisboa.

Magalhães de Azeredo, que privou com Eça de Queirós, testemunha-o, por este teor: "Quase todos os dias, findo o expediente do Consulado, subia as estreitas escadas da rua de Laborde; era lá o nosso ponto mais certo de reunião... Então ficávamos até tarde, no inverno, ao redor da chaminé rubra e crepitante, a que ele, friorentìssimo, se aconchegava, na primavera, ao pé das janelas abertas, por onde entravam aromas de lilás com os primeiros sopros da noite. Depois ìamos reatar a conversa em Neuilly, na casa confortável e hospedeira, rodeada de árvores murmurantes, no silêncio do arrabalde adormecido; e lá, num bom grupo de amigos intelectuais e curiosos, ao lado do escritor magnifico e de sua esposa tão gentil, tão virtuosa e instruida, digna companheira do seu alto espìrito, quantas vezes, fazendo a conversa perder a conta do tempo, vimos quase despertar a madrugada! Costumes, leituras, viagens, histórias, filosofia, polìtica, tudo se discutia, e com que plena liberdade de juizo... Quando, porém, se falava de arte e literatura, a sua paixão sincera de escritor exprimia-se em conceitos ainda mais admiráveis. A esse respeito, muitìssimas vezes nos ocupávamos do Brasil, cuja actividade intelectual profundamente o interes-

sava; ele lia com atenção todos os livros que de lá lhe mandavam, e admirava entusiàsticamente os nossos grandes escritores, tendo uma predileção acentuadíssima por Machado de Assiz. Encantava-o a vasta popularidade do seu nome na nossa terra, e um dos seus grandes desejos era atravessar o Atlântico e ir ver a nossa primavera perpétua".

Até um homem de letras cearense — seja dito de corrida — teve, de Eça de Queirós, palavras de decidido entusiasmo. O facto, por honrar, sobremaneira, os fastos literários do Ceará, deve ser — embora entre parêntesis — aqui mencionado.

Álvaro Martins, o conhecido *Alvarins*, traduziu o celebre soneto "Banco de Coral", de José Maria Herédia, e o ofereceu "Ao imortal psicologista Eça de Queirós". A tradução, que é de 1898, e foi publicada na "Revista Moderna", de Paris, despertou, sem dúvida pelo significativo do oferecimento, a atenção do grande romancista luso, que então ali se encontrava.

E o certo é que mereceu, dele, as seguintes entusiásticas expressões, bastantes a confundir, pela altitude da sua origem, qualquer mortal: "O soneto é admirável, e como elegância, plasticidade de forma e força harmoniosa, é superior mesmo ao do próprio Herédia". Estas expressões teriam constado de uma carta por Eça de Queirós endereçada ao inspirado vate cearense — informam-nos o Barão de Studart e José Luís de Castro.

Amigo do Brasil, era de opinião Eça de Queirós que ele só constituiria uma força útil no Universo sendo "um Brasil natural, espontâneo, genuino, um Brasil nacional, brasileiro, e não esse Brasil, feito com velhos pedaços d'Europa, levados pelo paquete, arrumados à pressa, como panos de feira, entre uma natureza incongénere, que lhes faz ressaltar mais o bolor e as nódoas". E só daquela maneira o quereria...

Com efeito, em carta a Eduardo Prado, de 1888, o egrégio publicista, depois de dizer que, desde o céu que o cobria à indole que o governava, tudo patentemente indicava ao brasileiro que ele devia ser um povo rural, pondera: "o que eu quereria é que o Brasil, desembaraçado do ouro imoral, e do seu D. João VI,

se instalasse nos seus vastos campos, e aí quietamente deixasse que, dentro da sua larga vida rural e sob a inspiração dela, lhe fossem nascendo, com viçosa e pura originalidade, idéias, sentimentos, costumes, uma literatura, uma arte, uma ética, uma filosofia, toda uma civilização harmónica e própria, só brasileira, só do Brasil, sem nada dever aos livros, às modas, aos hábitos importados da Europa".

Infelizmente, porém, — acrescenta ele — "em vez de terem escolhido essa existência, que daria ao Brasil uma civilização sua, própria, genuina d' admiravel solidez e beleza — que fizeram os brasileiros? Apenas as naus do Senhor D. João VI se tinham sumido nas névoas atlânticas, os brasileiros, senhores do Brasil, abandonaram os campos, correram a apinhar-se nas cidades e romperam a copiar tumultuáriamente a nossa civilização europeia no que ela tinha de mais vistoso e copiável. Em breve o Brasil ficou coberto de instituições alheias, quase contrárias à sua índole e ao seu destino, traduzidas à pressa de velhos compêndios franceses".

Eça de Queirós continua: "Bem cedo, do Brasil, do generoso e velho Brasil, nada restou: nem sequer brasileiros, porque só havia doutores — o que são entidades diferentes. A Nação inteira se doutorou. Do norte ao sul, no Brasil, não há senão doutores! Doutores com toda sorte de insígnias, em toda a sorte de funções! Doutores, com uma espada, comandando soldados; doutores, com uma carteira, fundando Bancos; doutores, com uma sonda, capitaneando navios; doutores, com um apito, dirigindo a polícia; doutores, com uma lira, soltando carmes; doutores, com um prumo, construindo edifícios; doutores, com balanças, misturando drogas; doutores, sem cousa alguma, governando o Estado! Todos doutores. O Dr. Tenente-Coronel... O Dr. Vice-Almirante... O Dr. Chefe de Polícia... o Dr. Arquitecto... Homens inteligentes, instruidos, polidos, afáveis, — mas todos doutores! E esse título não é inofensivo: imprime carácter. Uma tão desproporcionada legião de doutores envolve todo o Brasil numa atmosfera de doutorice".

E termina com estas palavras, em que palpitam os melhores votos pela grandeza e pelo porvir do Brasil: "Mas no dia ditoso em que o Brasil, por um esforço heróico, se decidir a

ser brasileiro, a ser do *novo mundo* — haverá no mundo uma grande nação. Os homens têm inteligência; as mulheres têm beleza e ambos a mais bela, a melhor das qualidades: a bondade. Ora uma nação que tem a bondade, a inteligência, a beleza (e café, nessas proporções sublimes) — pode contar com um soberbo futuro histórico, desde que se convença que mais vale ser um lavrador original que um doutor mal traduzido em francês. Não me queira mal por toda esta desordenada franqueza, e creia-me tão amigo do Brasil como seu" — diz a Eduardo Prado, fechando a interessante missiva.

Estes pontos de vista, que mostram como Eça se interessava pelas questões sociais, não perderam, absolutamente, a sua actualidade, continuam, ao contrário, atualíssimos, impondo-se, ainda agora, à meditação e ao estudo dos nossos sociólogos e dos nossos estadistas, dos nossos legisladores e dos nossos governantes...

Os acontecimentos políticos do Brasil grandemente o impressionavam e, sobre eles, sobre as suas causas, os seus meios de realização e o seu significado, emitia interessantíssimos e curiosíssimos juizos.

Haja vista o seu artigo "A Revolução do Brasil", publicado, em 1889, sob o pseudónimo de João Gomes, na "Revista de Portugal".

São de Eça de Queirós estas palavras de crítica social: "A revolução do Brasil (tal como a contam os telegramas passados através da censura republicana) é menos uma revolução do que uma transformação... O Marechal Deodoro da Fonseca dá um sinal com a espada: imediatamente, sem choque, sem ruído, como cenas pintadas que deslisam, a Monarquia, o Monarca, o pessoal monárquico, as instituições monarquicas desaparecem; — e, ante a vista assombrada, surge uma República, toda completa, apetrechada, já provida de bandeira, de hino, de selos do correio, e da bênção do Arcebispo Lacerda. Sem atritos, sem confusão, esta República começa logo a funcionar. Nas Repartições do Estado os amanuenses que já tinham lançado no papel dos decretos a velha fórmula *"Em nome de S. M. o*

Imperador", riscam, ao ouvir na rua aclamações alegres, este dizer anacrónico, e, sem mesmo molhar novamente a pena, desenrolam no seu melhor cursivo a fórmula recente *"Em nome do Presidente da República"*.

Mas isso como o explica o conspícuo articulista?

"A surpreendente facilidade — prossegue ele — com que a República se substituiu ao Império provêm de que há muito no Brasil nada separava a República da Monarquia — senão o Imperador. E o Imperador tinha-se a tal ponto desimperializado, que entre Monarquia e República não havia realmente senão um fio que, para o cortar de um golpe brusco, bastou a espada do Marechal Fonseca. Todo o mundo no Brasil era republicano — mesmo os diplomatas, os bispos e os camaristas do Paço. O próprio Imperador, por vezes, em viagens, nas salas de hotel, se declarava republicano..." .

E acrescentava, noutra ordem de argumentos: "O Imperador, por outro lado, não era genuinamente popular. Os políticos mais cultos reconheciam os seus serviços ao Império: mas o seu feitio excessivo de Sócio correspondente do Instituto de França desagradava. A ciência do Imperador, concentrada nas especialidade da Arqueologia, da Filologia, da Astronomia, etc., não era de natureza a torná-lo estimado como homem superior entre os brasileiros, que, nas manifestações da inteligência, só se entusiasmam pela Eloquência e pela Poesia...". "Além disso, como deve suceder ao rei superiormente cultivado dum reino que o não é em tão alto grau, d. Pedro, que não acreditava no direito Divino, mas acreditava no direito intelectual, tendia a absorver o Estado em si, com a muito nítida conciência de que ele era nesse Estado o homem mais instruido. Toda a imprensa europeia celebrava os seus méritos, a sua filosofia, a sua semelhança com Marco Aurélio. Ora, um Marco Aurélio tende a não dar muita importância ao simples burguês que ele julga incapaz de compreender as *"Meditações"*. Daqui nasciam atritos, despeitos, uma crescente impaciência contra o crescente autoritarismo do Imperador, que não exercia esse autoritarismo para fortalecer as instituições, mas fazer prevalecer vontades. Assim o Imperador, único obstáculo à República, ia cada dia perdendo popularidade, força, razão de existir. Que um des-

contente, menos disposto a esperar que a clássica fouce da morte cortasse o fio que ainda prendia o Brasil ao Império, se decidisse a cortá-lo ele próprio com uma espada mais ou menos ilustre — e estava feita a República. Esse impaciente apareceu no Marechal Fonseca".

O glorioso autor d'"Os Maias" e d'"A Ilustre Casa de Ramires" finalizava o seu juizo crítico, fazendo vaticínios para breve futuro, que, talvez felizmente para nós, se não realizaram: "Com o Império, segundo todas as probabilidades, acaba também o Brasil. Este nome de Brasil, que começava a ter grandeza, e para nós portugueses representava um tão glorioso esforço, passa a ser um antigo nome da velha Geografia Política. Daqui a pouco, o que foi o Império estará fraccionado em Repúblicas independentes, de maior ou menor importância. Impelem a esse resultado a divisão histórica das províncias; as rivalidades que entre elas existem; a diversidade do clima, do carácter e dos interesses; e a força das ambições locais. Já mais de uma vez as províncias têm feito enérgicas tentativas de separação: e o separatismo tornara-se nestes derradeiros tempos um dos mais poderosos factores da Política".

Sempre em cata de notícias do Brasil, cujos destinos sócio-políticos pareciam invencìvelmente e permanentemente preocupá-lo, eis como à vista do "grande silêncio que subitamente se fez em França sobre a revolução" de 1893, se expressa o exìmio publicista dos "Bilhetes de Paris": "Debalde, porém, se procura agora uma notícia, mesmo falsa, sobre o Brasil. Nada! E' como se o Almirante Melo e os seus couraçados se tivessem sumido para sempre nas brumas atlânticas. Que digo? E' como se o Brasil tivesse desaparecido — ou antes tivesse entrado naquela era de felicidade, clássicamente conhecida, em que os povos deixam de ter história... *Un silence parfait règne dans cette histoire* — como diz Musset. E' de bom prenúncio este silêncio? E' de mau prenúncio? Em todo caso, é único na história das revoluções. Havia tiros, sangue, colera, tumulto... De repente tudo se cala, tudo se some — e aqui ficamos na Eu-

ropa boquiabertos, deante de uma forte revolta que se esvaiu no ar, como uma visão de mágica. Onde estão os couraçados? onde estão os fortes? onde estão os regimentos? Não há nada — não se entrevê um vulto, não se escuta um rumor".

Eça de Queirós, a despeito da sua indissimulável simpatia pelas coisas e pelos homens da Terra de Santa Cruz, (4)) tam-

---

(4) A América que Eça de Queirós detestava, a América que tractava com indesviável e ríspida hostilidade eram a América inglesa e a América espanhola e ibérica. Constituia essa a *americanofobia* de Eça, no dizer de Fidelino de Figueiredo, que a filia a um reconhecimento pela França que o impediu de vêr para além da compreensão do espírito francês.

A propósito do cruzador americano *"Miautonomah"*, publicou ele, em 1866, terrível libelo contra os Estados Unidos. Aí, entre outras coisas diz o glorioso cronista: "Uma das inferioridades da América é a falta de ciências filosóficas, de ciências históricas e de ciências sociais. A nação que não tem sábios, grandes críticos, analisadores, filosófos, reconstruidores, ásperos buscadores do ideal, não pode pesar muito no mundo político, como não pode pesar muito no mundo moral... Há sobretudo na América um profundo desleixo nas ciências históricas. Inferioridade! As ciências históricas são a base fecunda das ciências sociais. E' a superioridade da Europa: sob a mesma aparência de febre industrial há uma geração forte, grave, ideal, que está construindo a nova humanidade sobre o direito, a razão e a justiça" (*vide* Prosas Bárbaras, edição de 1909, págs. 89 e 91).

Mais tarde, *id est*, em 1873, na carta a Ramalho Ortigão, escrita de Montreal, no Canadá, era assim que o grande romancista se referia a Nova-York: "E' uma cidade que tem cem anos e que está podre: está *détraquée*. Viveu muito, muito depressa — *e chegou sem educação*. Porque a verdade é esta: New-York não tem civilização. A civilização não é ter uma máquina para tudo — e um milhão para cada coisa: a civilização é um sentimento, não é uma construção. Há mais civilização num beco de Paris do que em toda a vasta New-York. Aqui não ha gosto, nem espírito, nem distinção, nem crítica, nem classificação, nada: uma sociedade podre de rica, afogada em luxo, exagerando as modas, inventando muitas — e querendo enriquecer mais e ter mais luxo ainda".

Adiante: "Compreende logo que está entre um povo bárbaro, que aprendeu a civilização de cor... E ao mesmo tempo que grosseria de maneiras: revolver, praga e empurrão, algumas palavras de inglês e muita saliva — eis o que é a lingua americana. Como eu detesto esta canalha! Como a mais pequena aldeia de França é superior, imensamente superior pela sua civilização a esta orgulhosa New-York, que se chama a si mesma, como Roma — *A Cidade*. Estúpida New-York — que fez ela jamais

bem tinha, para umas e outros, rudes e mordentes deslouvores e exprobações, se os mereciam. E' o que aconteceu diante do caso, que Madame Sara Bernhardt trombeteou aos quatro ventos da Europa, de, na sua passagem pelo Rio de Janeiro, terem os estudantes distribuido cutiladas porque os não deixavam desengatar os seus cavalos, meter ombros aos varais e puxar a sua carruagem...

O acre comentador, ao cabo de contas, não disse, na carta que, de Paris, lhes endereçou, mas, justificando a severidade

---

para se chamar *A Cidade?* Paris fez a Revolução, Londres deu Shakespeare, Viena deu Mozart, Berlim deu Kant, Lisboa... deu-nos a nós — que diabo! Mas esta estúpida New-York, que tem dado?... Nunca saiu nada de New-York — nem um homem, nem uma idéia, nem um livro, nem uma máquina, nem uma vitória, nem um quadro, nem um dito. New-York é um *tour de force* da brutalidade — nada mais" (vide Correspondencia, 1925, págs. 17 a 19).

Correram os anos — nota Fidelino de Figueiredo — "veio a reflexão, e os sentimentos de Eça de Queirós sobre a América não se alteraram, antes aproveitam nova ocasião de se expressar serenamente, quase didácticamente, num ensaio crítico, em excelente prosa, no ano de 1894, com motivo numa intervenção da grande República nos negócios internos da Venezuela". Esse artigo, *A propósito da doutrina de Monroe e do nativismo* — continua o grande crítico — "é um dos mais agudos libelos com que o velho europeismo terá ripostado ao orgulho imperialista e xenófobo, que em certo momento se conteve na fórmula de Monroe". E conclui: "Os americanos não tinham o direito de ser nativistas, porque nem sequer eram nativos eles mesmos, nem eram criadores da própria civilização que guardavam — é a tese de Eça" (*vide* "...um pobre homem da Póvoa de Varzim...", págs. 140 e 141).

O citado artigo vem inserto nas "Cartas Familiares", de Eça de Queirós, pág. 131 a 167.

A incoercível antipatia de Eça de Queirós pela América ibérica desvendou-a e revelou-a ele, sem buços nem rebuços, nestes tópicos de uma carta, que escreveu, de Paris, em 1888, a Ramalho Ortigão: "Meu querido Ramalho — *Revista* e jornais para a chamada *América Latina* — têm-se criado ás dúzias, ás grosas. Todo o literato, colocado na passagem dos paquetes do Pacífico, pensa imediatamente em exportar literatura para essas regiões selváticas. Têm-se fundado dessas *Revistas* em Londres, em Liverpool, em Bordéus, no Havre, em Gênova, em Cadis! Umas em francês, outras em espanhol, outras em português ou pseudo-português. Tenho-as visto, tenho-as folheado com o devido horror! Ainda há meses, em Londres, me caiu nas mãos um desses monstros, chamado (como Você queria para a Nossa) *Revista de la América Latina!* — Pois tudo isto comercialmente tem falhado — porque o sul-americano é, de todos os seres humanos, o mais indiferente á *letra redonda*. São chamados civilizados —

da censura, poderia ter dito como o Divino Mestre o dissera no Apocalipse: "*Ego quos amo, arguo, et castigo*". Eu aos que amo repreendo e castigo.

Ligações com o jornalismo nacional teve-as Eça de Queirós directas, formais, duradouras. E' assim que, durante longos anos, foi correspondente da "GAZETA DE NOTÍCIAS", "aquele tempo o maior centro de irradiação literária do Brasil", colaborando, na notável folha, activa e assìduamente, ao lado da "mais bela constelação de espíritos novos que ainda se reuniram sob o mesmo tecto, em nossas letras": Ferreira de Araújo, Capistrano de Abreu, Ferreira de Meneses, José do Patrocinio, Valentim Magalhães, França Júnior, Aluísio Azevedo e Raul Pompeia, "o irmão mais novo dos Goncourt, como apropriadamente lhe chamou Lúcio de Mendonça...".

Por séries de colaboração, aí publicou o inimitável cronista, que ao romancista leva a palma, segundo alguns, "Cartas de

---

por se saberem servir, mais ou menos *gôchemente*, dos instrumentos de civilização que os outros inventam: mas eles próprios nunca tiveram um acto de civilização original — isto é, nunca tiveram iniciativas na esfera do Direito, da Filosofia, da Religião, da Arte, nem uma só ideia sua, nem um feito, nem uma descoberta, nem um folhetim, nem um dito! A poesia parecia dever ser a sua expressão intelectual instintiva; pois se Você ler, como eu fiz, a coleção dos poetas mexicanos, chilenos, argentinos, etc., verá que eles são infinitamente inferiores aos líricos do *Almanaque de Lembranças*. Eu conheço, vivi entre eles! Puras bestas, tendo só de simpático uma certa generosidade hospitaleira, comum de resto a todas as raças que vivem em descampados. Na Havana, num dos seus grandes centros, havia apenas um livreiro para meio milhão de habitantes; e nesse livreiro, só romances de Montepin, que se vendiam por causa da encadernação. Se Você me torna a falar na *América* Latina, agarro num arrocho!" (*in* Cartas, de Eça de Queirós, 1945, págs. 190 a 192).

Entretanto, coisa curiosa!, que Fidelino de Figueiredo salienta: "Com americanofobia e tudo, os hispano-americanos acolheram a obra de Eça de Queirós alvoroçadamente. Leram-na, estudaram-na, glosaram-na, deixaram-se influir por ela. Ou desconheceram aquela incompreensão ou a perdoaram generosamente ou se consolaram com amabilidades iguais do romancista para a América inglesa, ditas logo no tempo das *Prosas Bárbaras* e ao longo da *Correspondência*" (obra cit., pág. 175).

Inglaterra", em 1879, (4-A) e de 1893 a 1896, "Ecos de Paris", "Cartas Familiares" e muitos dos memoráveis artigos depois enfeixados nas "Notas Contemporâneas".

Aliás, já antes, desde 1871, o formidável *conteur* das "Singularidades de uma rapariga loura" nos mandava, juntamente com Ramalho Ortigão, essas famosas "Farpas", "os iconoclas-

---

(4-A) Em 1878, em Newcastle, a situação económica de Eça de Queirós é difícil, cheio de dívidas, que está, e com ordenado insuficiente. Não o vale Andrade Corvo, então Ministro de Estrangeiros em Portugal. E' nessa emergência que lhe sugerem a idéia de colaborar na "Gazeta de Notícias", do Rio de Janeiro. A respeito escreve João Gaspar Simões: "Entretanto, o irmão de Ramalho, estabelecido no Brasil, por sugestões do autor das "Farpas", naturalmente, escreve para Lisbôa sugerindo a colaboração de Eça de Queirós na "Gazeta de Notícias", do Rio de Janeiro. Tal oferecimento comoveu-o. Vinha, de facto, a propósito. Escreve a Ramalho em 1878: "Comoveu-me, e aceitaria, quando não fosse senão por a proposta vir dele tão amavelmente formulada; mas ela é, além disso, vantajosa e bem vinda". E, então, lembrando-se do romance que tinha na gaveta, esse "DESASTRE DA TRAVESSA DO CALDAS", a que, em tempo, aludira tão entusiasticamente, romance que deixaria "O PRIMO BASILIO" na sombra, embora se arriscasse a que, graças a ele, Ramalho o considerasse "crapula", propõe-no para o jornal... Nessa altura já o título tinha sido alterado. Era "OS AMORES DE UM LINDO MOÇO", considerando-o no entanto "pretenciosamente mediocre". E sugeria *"pour la circonstance"* o título de "O BRASILEIRO", pois o seu herói o era, pormenorisando: "Como arte tem tipos de que gosto — tratados numa nova maneira, a contornos grossos, de forte destaque; incidentes curtos, muito adaptáveis ao folhetim — emfim o que justamente convem"... Tudo dependia, porém, da proposta da "A Gazeta". Que a "Gazeta" faça a sua proposta", concluia. Na hipotese, porém, de a "Gazeta preferir "uma correspondência quinzenal", conforme sugestão do próprio irmão de Ramalho, "dando, numa maneira fácil e, como seu irmão diz, alegre, o movimento científico, literário, artístico, e sobretudo social de Londres", também estava de acordo. Não pelo prazer de voltar ao jornalismo, atividade que interrompera em Maio desse mesmo ano, quando deixara de mandar a "Actualidade" as suas *Cartas de Londres*. Não era o jornalismo que o interessava, mas escrever bons livros. "Seria talvês depois um livro toleravel", dizia, aludindo á provável correspondência jornalistica para a "Gazeta de Notícias". E, como era urgente ocorrer ás desgraças da sua situação financeira, pedia a Ramalho que escrevesse logo ao imão: "pour que je sache á quoi m'en tenir", acrescentava, em francês. Só em 1879, todavia, começará a colaboração na "Gazeta de Notícias". Ai publicará as suas "CARTAS DE INGLATERRA", que apenas depois de sua morte formarão não só "um livro tolerável", mas um belo livro" (Eça de Queirós, O Homem e o Artista, págs. 418 e 419).

tas, que vinham desmantelar os bustos olímpicos", na sua frase sedutora e incisiva...

Não se deslembre que a "Gazeta de Notícias" mereceu as primícias da "Relequia", que aí veio primeiramente em folhetins.

EÇA DE QUEIRÓS E MACHADO DE ASSIZ

Eça de Queirós, que não ignorava nada do que dizia respeito ao Brasil, miúdamente informado, que era, por Eduardo Prado, tinha pelos seus homens de letras entranhada estima, lendo-lhes as obras com interesse e carinho.

Machado de Assiz, como se viu, merecia-lhe indisfarçavel e recrescente simpatia intelectual. Conhecia a obra do imortal autor de "Quincas Borba" e "D. Casmurro", e admirava-lhe exaltadamente a concepção, a beleza artística, o estilo...

Machado de Assis — diga-se de fugida — apesar de considerá-lo "um dos bons e vivazes talentos" da geração portuguesa daquele tempo e de, por isso mesmo, não regatear-lhe a sua admiração, desapreciava-lhe e desamava-lhe o processo realista, e o proclamou alto e bom som. (5)

---

(5) De resto, parece, em verdade, que Machado de Assiz tinha má vontade para com Eça de Queirós, má vontade que chegava ao ponto de apregoar o escritor brasileiro que *O Crime do Padre Amaro* era um plágio ou imitação da *Faute de l'Abbé Mouret*, de Zola. E acentuava: "Situação análoga; iguais tendências; diferença do meio; diferença de desenlace; idêntico estilo; algumas reminiscências, como no capítulo da missa, e outras; enfim, o mesmo título" (Crítica, pág. 59).

Eça de Queirós — seja aqui dito— revidou á infundada acusação, escrevendo por estes termos na 2.ª edição do seu referido livro: *"O Crime do Padre Amaro* recebeu no Brasil e em Portugal alguma atenção da crítica, quando foi publicado ulteriormente um romance intitulado — *O Primo Basílio.* E no Brasil e em Portugal escreveu-se (sem todavia se aduzir nenhuma prova efectiva) que *O Crime do Padre Amaro* era uma imitação do romance do Sr. E. Zola — *La Faute de l'Abbé Mouret;* ou que este livro do autor do *Assomoir* e de outros magistrais estudos sociais sugerira a ideia, os personagens, a intenção do *Crime do Padre Amaro.*

Eu tenho algumas razões para crer que isto não é correcto. *O Crime do Padre Amaro* foi escrito em 1871, lido a alguns amigos em 1872, e publicado em 1874. O livro do Sr. E. Zola, *La Faute de l'Abbé Mouret*

Referindo-se ao aparecimento do "Crime do Padre Amaro", "viamos aparecer, na nossa língua — dizia ele — um realista sem rebuço, sem atenuações, sem melindres. Não se conhecia no nosso idioma aquela reprodução fotográfica e servil das coisas mínimas e ignóbeis. Pela primeira vez, aparecia um livro em que o escuso e o — digamos o próprio termo, pois tratamos de repelir a doutrina, não o talento, e menos o homem — em que o escuso e o torpe eram tratados com um carinho minucioso e relacionados com uma exacção de inventário".

Escrevendo sobre o "Primo Basílio", ainda dizia Machado de Assiz, depois de criticar-lhe a concepção e de mostrar como contrariava ela as leis da arte: "O sr. Eça de Queirós não quer ser realista mitigado, mas intenso e completo; e daí vem que o tom carregado das tintas, que nos assusta, para ele é simples-

---

(que é o quinto volume da série *Rougon Macquart*) foi escrito e publicado em 1875.

Mas (ainda que isto pareça sobrenatural) eu considero esta razão apenas como subalterna e insuficiente. Eu podia, enfim, ter penetrado no cérebro, no pensamento do Sr. E. Zola, e ter avistado, entre as formas ainda indecisas das suas criações futuras, a figura do Abade Mouret, — exactamente como o venerável Anquises no vale dos Elísios podia ver, entre as sombras das raças vindouras flutuando na névoa luminosa do Lethes, aquele que um dia devia ser Marcelus. Tais coisas são possíveis. Nem o homem prudente as deve considerar mais extraordinárias que o carro de fogo que arrebatou Elias aos céus — e outros prodígios provados.

O que, segundo penso, mostra melhor que a acusação carece de exactidão é a simples comparação dos dois romances. *La Faute de l'Abbé Mouret* é, no seu episódio central, o quadro alegórico da iniciação do primeiro homem e da primeira mulher no amor. O abade Mouret (Sérgio), tendo sido atacado de uma febre cerebral, trazida principalmente pela sua exaltação mística no culto da Virgem, na solidão de um vale abrasado da Provença (primeira parte do livro), é levado para convalecer ao *Paradou*, antigo parque do século XVII a que o abandono refez uma virgindade selvagem, e que é a representação alegórica do Paraíso. Aí, tendo perdido na febre a conciência de si mesmo a ponto de se esquecer do seu sacerdócio e da existência da aldeia, e a conciência do universo a ponto de ter medo do sol e das árvores do *Paradou* como de monstros estranhos — erra, durante meses, pelas profundidades do bosque inculto, com Albina que é o génio, a Eva desse logar legenda; Albina e Sérgio, semi-nus como no paraiso procuram sem cessar, por um instinto que os impele, uma árvore misteriosa, da rama da qual cai a influência afrodisíaca da matéria procreadora; sob este símbolo da Árvore da Ciência se possuem, depois de

mente o tom próprio. Dado, porém, que a doutrina do sr. Eça de Queirós fosse verdadeira, ainda assim cumpria não acumular tanto as cores, nem acentuar tanto as linhas; e quem o diz é o próprio chefe da escola, de quem li, há pouco, e não sem pasmo, que o perigo do movimento realista é haver quem suponha que o traço grosso é o traço exacto".

E mais adiante: "Não peço, de certo, os estafados retratos do romantismo decadente; pelo contrário, alguma coisa há no realismo que pode ser colhido em proveito da imaginação e da arte. Mas sair de um excesso para cair em outro não é regenerar nada: é trocar o agente da corrução".

Machado de Assiz "aceitava *em termos* o processo do natulismo; o que detestava era a excessiva grosseiria da escola", a que Eça de Queirós se filiou.

Disparidade de temperamentos intelectuais: o suavíssimo filósofo do "Memorial de Aires", ao revés de Eça, era o homem

---

dias angustiosos em que tentam descobrir, na sua inocência paradisíaca, o meio físico de realizar o amor; depois, numa mutua vergonha súbita, notando a sua nudez, cobrem-se de folhagens; e daí os expulsa, os arranca o padre Archangias, que é a personificação teocrática do antigo Arcanjo. Na última parte do livro o abade Mouret recupera a conciência de si mesmo, subtrai-se á influência dissolvente da adoração da Virgem, obtém por um esforço da oração e um privilégio da graça a extinção da sua virilidade, e torna-se um asceta sem nada de humano, uma sombra caída aos pés da cruz; e, é sem que lhe mude a cor ao rosto que asperge e responsa o esquife de Albina, que se asfixiou no *Paradou* sob um montão de flores de perfumes fortes.

Os críticos inteligentes que acusaram *O Crime do Padre Amaro* de ser apenas uma imitação da *Faute de l'Abbé Mouret* não tinham infelizmente lido o romance maravilhoso do sr. E. Zola, que foi talvez a origem de toda a sua glória. A semelhança casual dos dois títulos induziu-os em erro.

Com conhecimento dos dois livros, só uma obtusidade córnea ou má fé cínica poderia assemelhar esta bela alegoria idilica, a que está misturado o patético drama de uma alma mística, ao *Crime do Padre Amaro* que, como podem ver neste novo trabalho, é apenas, no fundo, uma intriga de clérigos e de beatas tramada e murmurada á sombra de uma velha Sé de província portuguesa".

Ora, a acusação de Machado de Assiz é tanto mais inexplicável, só podendo mesmo levar-se á conta de má vontade contra o grande romancista luso, quanto é certo que ele, segundo se vê da sua crítica, conhecia e lera o livro de Zola, entre o qual e o de Eça, em verdade, como acentua Agostinho de Campos, a única semelhança existente é a dos títulos.

do traço dubio e hesitante, do claro-escuro, dos meios tons... Daí não ter tido o autor do "Mandarim" influência apreciável na formação do seu espírito...

Deixemos, agora, assinaladas as manifestações admirativas de Eça de Queirós por Machado de Assiz. (5-A) Para isso, demos a palavra a Alfredo Pujol, que o significa magistralmente: "Apesar da profunda divergência que o naturalismo criara entre Machado de Assiz e Eça de Queirós, o autor do "Primo Basílio" tinha em grande apreço o romancista brasileiro. Conta Olavo Bilac, numa de suas crónicas, que, no correr do inverno de 1890, havia quase todas as noites na casa de Eça de Queirós, em Paris, uma pequena reunião de brasileiros. E não havia noite em que o nome de Machado de Assiz não fosse pronunciado e discutido. "Machado era uma preocupação de Eça. Eça admirando-o vivamente, não podia compreender certos aspectos da sua figura de homem e de escritor; e, para satisfazer a curiosidade, multiplicava as perguntas, que as vezes nos deixavam embaraçadíssimos. E' que realmente algumas dessas perguntas eram irrespondíveis. Nem Domício da Gama, nem os dois Prados, Paulo e Eduardo, nem eu, podíamos, por exemplo, dizer ao grande escritor d'"Os Maias" o que o autor das "Memórias Póstumas de Braz Cubas" pensava da proclamação da

---

(5-A) A alta conta em que Eça de Queirós tinha a Machado de Assiz, a valia que dava á sua autoridade literária, estão inequivocamente consubstanciadas na seguinte carta, dirigida pelo sumo romancista português ao seu grande confrade brasileiro: "New-Castle-on-Tyne (Inglaterra), 29 de junho de 1878. Exmo. Senhor e presado colega: Uma correspondência do Rio de Janeiro para o "Actualidade" (jornal do Porto) revela ser o Sr. Machado de Assiz, *nome tão estimado entre nós,* o autor do belo artigo sobre o "Primo Basilio" e o Realismo, publicado no "Cruzeiro" de 16 de abril, assinado com o pseudonimo de "Eleazar". Segundo essa correspondência há ainda sobre o romance mais dois folhetins de V. Sa. nos ns. de 16 e 30 de abril. Creio que outros escritores brasileiros me fizeram a honra de criticar o "Primo Basilio"; — mas eu apenas conheço o folhetim de V. Sa., do dia 16, que foi transcrito em mais de um jornal português. O meu editor, Sr. Chardron, encarregou-se de coligir essas apreciações de que eu tenho uma curiosidade quasi anciosa. Enquanto as não conheço, não posso naturalmente falar delas — mas não quis estar mais tempo sem agradecer a V. Sa. *o seu excelente artigo* do dia 16. *Apesar de me ser em geral adverso, quasi revêsso,* e de ser inspirado

República, da questão financeira, do problema da unidade ou da pluralidade das emissões bancárias, da agitação revolucionária do Rio Grande do Sul, e das tendências nativistas da nova política brasileira. E a esta interrogação: "Que pensa sobre isso o Machado?" — só podiamos replicar: "O Machado não pensa nada sobre isso: o Machado escreve romances e contos!" "Literàriamente" — concluí Olavo Bilac — "a admiração de Eça pelo nosso amado mestre era intensa. Entre outras páginas de Machado de Assiz, Eça de Queirós *sabia de cor* o incomparável delírio de Braz Cubas *e gostava de declamá-lo pausadamente*, com inflexões estudadas, que sublinhavam e esclareciam como um comentário as passagens de mais apurada análise psicológica ou de mais subtil ironia. E era um encanto apreciar, naquele cantinho da fria Paris, naquele agreste inverno de 1890,

---

por uma hostilidade quasi partidária á Escola Realista — ESSE ARTIGO TODAVIA PELA SUA ELEVAÇÃO E PELO TALENTO COM QUE ESTÁ FEITO HONRA O MEU LIVRO, QUASI LHE AUMENTA A AUTORIDADE. Quando conhecer os outros artigos de V. Sa. poderei permitir-me discutir as suas opiniões sobre este — não em minha defesa pessoal (eu nada valho), não em defesa dos graves defeitos dos meus romances, mas em defesa da Escola que eles representam e que eu considero como um elevado factor do progresso moral na sociedade moderna. Quero também por esta carta rogar a V. Sa. queira em meu nome oferecer o meu reconhecimento aos seus colegas de literatura e de jornal pela honrosa aceitação que lhes mereceu o "Primo Basilio". Um total acolhimento da parte de *uma literatura tão original e tão progressiva como a do Brasil* é para mim uma honra inestimável e para o Realismo, no fim de tudo, uma confirmação esplendida de influência e de vitalidade. Esperando ter em breve a oportunidade de conversar com V. Sa. através do oceano sobre estas elevadas questões de Arte, rogo-lhe queira aceitar a expressão do *meu grande respeito pelo seu belo talento.* Addum au Consulat de Portugal. EÇA DE QUEIRÓS".

Esta carta vem publicada á pág. 382 do livro "Eça de Queirós — 0 Homem e o Artista", de João Gaspar Simões.

João Gaspar Simões, referindo-se a estes dizeres de Eça de Queirós em carta de 1878 a Ramalho Ortigão: — "Os grandes defeitos do "Primo Basilio" conheço-os eu — e terei bem cuidado de os não repetir" — não tem dúvida em observar que é possível que entre estes grandes defeitos alguns houvesse evitado nas obras futuras, sem a crítica de Machado de Assiz, mas a verdade é que, nas obras futuras, desaparecem precisamente os defeitos que o escritor brasileiro lhe apontara (obra cit., pág. 392).

essa enternecedora comunhão, através de tantas léguas de mares, dos dois espíritos mais refinados que a nossa raça já produziu nos dois continentes...".

Verdade é que "o delírio de Braz Cubas é um dos trechos mais perfeitos que sairam da pena de Machado de Assiz", perpassando sinistramente naqueles períodos, fortes e vibrantes, "a visão do mistério do nosso destino e do trágico segredo da vida, numa formidável evocação de todas as misérias da nossa alma e de todas as tristezas da nossa existência, numa cadeia infinita de fulgurantes imagens, em que palpita o anseio eterno das ilusões e flutua o enigma tremendo de todas as coisas".

Mas decorá-la, em toda sua extensão; não só decorá-la, como declamá-la, é singular num escritor do porte de Eça de Queirós, e significa, por sem dúvida, a máxima homenagem que um homem de letras pode prestar a um seu confrade, homenagem — diga-se de passagem — tanto mais suspreendente e digna de apreço quanto, pelo ordinário, são os homens de letras consumidos e devorados, uns para com os outros, de rivalidades, de invejas, de emulações e de despeitos, soezes e vilões...

EÇA DE QUEIRÓS E EDUARDO PRADO

Vamos, agora, a Eduardo Prado — "publicista de talento, muito espírito, boa linguagem e estilo elegante, ensaista fecundo e original, polemista vigoroso e agudo, um verdadeiro escritor em suma pelas peregrinas qualidades da sua ideação e expressão" — no autorizado dizer de José Veríssimo.

E' o grande paulista autor dos "Fastos da Ditadura Militar", da "Ilusão Americana", cuja primeira edição, de 1893, a polícia de São Paulo houve por bem confiscar, e das "Colectâneas".

Apaixonado do contacto de novas terras e de novas gentes, impenitente *touriste*, rico de dinheiro e de erudição, viveu em Montevidéu, Nova York, Washington, Lisboa, Londres ("onde, com os recursos inesgotáveis, acumulados no Museu Britânico, preparou a segunda edição da "Ilusão Americana"), Paris, Roma, Florença, Berlim e Madrid.

Auspicioso resultado das suas impressões dos logares, por

onde andou, são os seus três livros: "Viagem ao Rio da Prata", "Viagens" e "Viagem ao Oriente".

Em 1889, quando se proclamou a República, Eduardo Prado residia em Paris. Por esse tempo, aí também residia Eça de Queirós, então Consul de Portugal, na França.

Eça de Queirós instalara-se, com a família, em Neuilly, junto ao *Bois de Boulogne*, no local em que se erguia antigamente o extenso palácio dos Orleans, onde Luís Filipe "levara a vida patriarcal e sossegada de grão-senhor".

Eduardo Prado, de sua parte, se instalara na celebre casa da rua Rivoli, n. 119, "com todos os requintes da civilização, dando-se até ao luxo de se fazer servir por um criado inglês, que dizia ter sido outrora criado de Darwin".

De se frequentarem e privarem, assìdua e afectuosamente, tornaram-se, desde logo, Eça de Queirós e Eduardo Prado, íntimos amigos, e nasceu e medrou, entre os dois, através desses encantadores serões e desses jantares pitorescos, embebidos, uns e outros, da mais pura idealidade e do mais fino espírito, profunda admiração intelectual.

"Em Paris, Eça de Queirós — diz-nos Xavier de Carvalho — vivia apenas com os seus livros, e para sua família, numa roda *toda ìntima* d'amigos como Eduardo Prado e Batalha Reis".

Amigos fraternos, Eça e Prado — assim os chama Alberto de Oliveira. (5-B)

Eça de Queirós tinha pela casa da rua Rivoli n. 119 irresistìvel atração. O que aí, em verdade, mais o atraia — escla-

---

(5-B) O mesmo escritor ainda escreve: "Quanto a Eça de Queirós, ninguém ignora como era fraternal e íntima, de coração e de espírito, a afeição que o prendia a Eduardo Prado...

Esta amizade é símbólica por mais de um lado, e merece que nos detenhamos a explicá-la. Estes dois homens, de igual nível social e de cultura idêntica, um e outro encarnando tão superiormente os seus países irmãos, conheceram-se e logo também se irmanaram e se completaram, na mais reciproca e solidária das simpatiàs. Como todos os Portugueses, Eça de Queirós trazia o Brasil ao peito, expressão familiar que sempre me

rece Viana Moog — era a biblioteca. "Prado reunira alí um pequeno tesouro de ciência e erudição. E que maravilha de encadernações! Quem quisesse ver, em matéria de livros bem encadernados, o retorno da Renascença e do século XVIII, precisava ver a biblioteca de Prado. Havia, porém, um inconveniente nesse templo de saber: a facilidade com que ali se adormecia por causa da maciez das almofadas que forravam as poltronas. Depois dos almoços ou dos jantares com que o dono da casa costumava festejar os amigos, nesses banquetes que, "pela sua intelectualidade, lembravam os de Platão", servido o café, não havia quem resistisse. De resto, Eça não fazia questão disso. Deixava-se ficar de charuto apagado, numa vaga e doce sonolência, o espírito perdido em devaneios".

A estima, a consideração, a amizade de Eça a Prado tiveram, pelo tempo fora, sucessivas e cabais demonstrações, mesmo porque Eça, como pondera Mateus de Albuquerque, tinha o culto dos seus amigos...

Quando fundou, em 1889, a "Revista de Portugal", e expressava, em carta ao Conde de Ficalho, que era grande desejo seu que nela participassem todos os seus amigos e, em carta

---

vem aos lábios para definir o orgulho que nos enche, á simples ideia de que há um Brasil no mundo, um Brasil cujo nascimento e criação o mundo inteiro nos atribui, e cujos progressos e prosperidades tanto concorrem para manter e acrescer o prestígio e glória da nossa raça. A esta inclinação instintiva e, repito, unanime, juntava Eça de Queirós, como homem cultíssimo, que era, uma curiosidade e conhecimento activos das coisas brasileiras, que tinham no seu amigo um relator, por vezes apaixonado, e talvez injusto, mas sempre interessante e solidamente informado.

Por sua vez, Eduardo Prado era um daqueles brasileiros, a quem nunca poderia caber alcunha equivalente á de *little-englanders,* com que os imperialistas ingleses costumam fulminar os seus adversários. O seu imperialismo era todo pacífico e ideal, mas orgulhosíssimo. Antes de qualquer recente e indecisa americanidade, colocava sempre, de cabeça erguida, a sua multisecular lusitanidade. Não se contentava de que o Brasil fosse grande no espaço, queria-o também grande no tempo. Alegrava-o de certo que o seu país ocupasse uma vastíssima fração do globo terrestre, dentro de fronteiras que Portugal se não descuidara de traçar-lhe, com paternal e obstinada previdência, e para cuja defesa vitoriosa, contra pre-

ao Conde de Sabugosa, que pretendia "entre outros fins, reunir, nessa Revista, além de colaboradores especiais, um grupo de amigos e dedicados, daqueles com quem é um prazer, além de colaborar, jantar!", foi Eduardo Prado, juntamente com Antero de Quental, Teófilo Braga, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins e Camilo Castelo Branco, convidado para seu colaborador.

E, com efeito, publicou o autor d'"A Ilusão Americana", na aludida Revista, de Setembro de 1889 a Junho de 1890, além de "Destinos Políticos do Brasil", os celebres artigos, reunidos no livro que se chamou "Fastos da Ditadura Militar", assinados com o pseudónimo de *FREDERICO DE S.*, a que — no sentir do Visconde de Ouro-Preto — poderia, sem exageração, aplicar-se a frase de Luís XVIII, referindo-se à brochura de Chauteaubriand — *De Buonaparte et des Bourbons*: "Vale por um exército", e que, consoante o dizer do próprio Eça de Queirós, acompanhariam, na História, a Ditadura, com um silvar, de certo amortecido, mas perenemente desagradável, de látego.

Por esse tempo, Eduardo Prado fornecia elementos a Eça de Queirós para compor o tipo ideal de Fradique Mendes. Fradique, de feito, "revelava com Eduardo Prado alguns pontos de contacto: a mania das viagens e o hábito de não escrever livros, mas ùnicamente cartas. Com uma diferença: Eduardo Prado escrevia tudo às pressas, de um jacto. Fradique tinha o gosto requintado da forma. Queria em prosa "alguma coisa

---

tensões de estranhos, sabia que não fora inútil o concurso dos velhos mapas coloniais que continuam a morar na Torre do Tombo, venerável arquivo da família comum. Mas não o desvanecia menos ver o Brasil prolongado pelos séculos dentro, primeiro entroncado na história e na raça lusitanas que presava como próprias, e por essa ascendência ilustre ligado ás outras raças históricas e pré-históricas que povoaram a Ibéria. Bem longe de tractar o avô português como parente pobre, que se não mostra ás visitas, ou como estrangeiro hostil de quem se suspeita, Eduardo Prado julgava-se tão legítimo representante, como qualquer português do seu tempo, dos heróis gloriosos e magnificos que fazem da história de Portugal, por ele tida e lida como também sua, uma das mais formosas da Humanidade. E assim se empenhava em trazer sempre em dia a sua arvore genea-

de cristalino, de aveludado, de ondulante, de marmóreo, que só por si, plàsticamente, realizasse uma absoluta beleza, e que expressionalmente, como verbo, tudo pudesse traduzir, desde os mais fugidíos tons de luz até os mais subtís estados d'alma...".

Posteriormente, no seu romance "A Cidade e as Serras", Eça retratou Prado na figura do Jacinto. "Jacinto é Eduardo Prado... O palácio de Jacinto em Paris, o 202 dos Campos Elísios, é apenas a idealização do 119 da rua Rivoli, com a biblioteca, os confortos, o elevador, onde o peixe empacava à hora do jantar... As reformas que Jacinto introduz em Tormes são as mesmas que Eduardo Prado introduziu na fazenda do *Brejão,* em São Paulo, com grande escândalo dos fazendeiros vizinhos, habituados à rotina e inacessíveis à idéia de associar os trabalhadores aos benefícios da produção".

No seu discurso de recepção, na Academia Brasileira de Letras, Afonso Arinos, falando de Eduardo Prado, que vinha substituir, no augusto sodalício, escreveu: "Afim de pordes um pouco de ordem no vosso vestuário, ele vos convida para o quarto de vestir (da sua fazenda do *"Brejão"*), ao mesmo tempo que se curva para fazer festas a Margaux, a cadelinha favorita. Aqui, sim, há muito do Jacinto, d'"A Cidade e as Serras"; notais logo em largas comodas, forradas de finas toalhas de linho bordadas, a profusão de escovas, a bateria de ferrinhos complicados, a fileira de frascos vários. Em prateleiras, alinham-se, brunidas, filas de botas, botins, sapatos, alparcas, socos, sandálias, borseguins, às dezenas; batalhões de chapéus

---

lógica nacional e se honrava grandemente, no seu cavalheirismo nato, quer de partilhar as nossas glórias passadas quer de reclamar a sua parte nas nossas angústias, preocupações e dificuldades, dando-nos carinho e conforto, quando não pudesse dar-nos louvores e aplausos".

E conclui Alberto de Oliveira: "Compreende-se melhor, depois de ler estes períodos, que Eça de Queirós e Eduardo Prado, como espíritos que tanto tinham a dizer um ao outro, fossem amigos fraternos. E não se compreende igualmente que esta amizade é afinal a mesma que liga, e sempre ligará, Portugal ao Brasil, e que se aperfeiçoará e crescerá na mesma proporção em que for crescendo o número de portugueses cultos como Eça de Queirós, e de brasileiros cultos, como Eduardo Prado?" (*Eça de Queirós,* Páginas de Memórias, págs. 167 e 182)

alpinos, tiroleses, ingleses; nesse incomparável sortimento, há reminiscências das cinco partes do mundo e das quatro estações do ano; há de tudo, para tudo. Não é menos rica a coleção de capas, de bengalas, de roupas em vastos armários de robusta madeira nacional, tudo na ordem mais rigorosa. Até o traje completo do jagunço lá encontrareis — as perneiras, o jaleco, o facão e o chapéu de couro".

Perpetuando, assim, na sua obra, através dos seus personagens, a figura, os gostos, as idéias e os sentimentos do seu admirado e devoto amigo, Eça de Queirós, sobre prestar a essa amizade o mais enternecido dos preitos, fazia, do mesmo passo, a Eduardo Prado a honra, a que muitos aspirariam, mas que poucos poderiam merecer.

Não é só.

Além de ter mantido, com Prado, honrosíssima correspondência, que, — ao que nota Agripino Grieco — não ia a qualquer, Eça ainda consagrou-lhe longo e substancioso estudo, escrito em 1898, e enfeixado nas suas "Notas Contemporâneas".

Nesse estudo, o romancista do "Conde d'Abranhos" frisa-lhe, num sugestivo alto relevo, as qualidades características: a curiosidade, a paixão pelas viagens, o apego à História, a devoção pelo passado, o espírito de sociabilidade...

Examinando-as, uma a uma, quanto à primeira, diz: "A qualidade dominante de Eduardo Prado, a sua *qualité maitresse*, segundo o termo escolar da velha Psicologia Francesa, a qualidade motora da sua vida pensante, e mesmo da sua expressão social, é certamente a curiosidade". "Eduardo Prado conservou esplêndidamente o instinto: na sua mocidade, como já outro descobrira a América, não sei se escutou muito às portas do Saber: mas, concluido aquele Bacharelato que nos paises latinos se tornou um complemento do Baptismo, logo anelou por escutar e olhar, para além do seu bocado d'América, a Terra toda, em toda sua falada redondeza".

E passando a analisar a paixão pelas viagens, tão absorvedora no ferrenho monarquista, depois de dizer que, ordinà-

riamente, os chamados *globe-trotters* "trotam pelo gosto corporal de trotar, para se dissiparem, não para se acrescentarem, segundo a forte expressão eclesiástica; — e no seu trote contínuo através dos continentes vão assobiando, porque não vão pensando", prossegue: "Prado foi um viajante do tipo pensativo de Anacársis (sem a sua austeridade e a sua facúndia, louvado Deus!). Viajou vastamente, viajou intensamente: não como vagabundo, mas como filósofo, para quem o mundo constitue aquele livro que louva Descartes, o mais proveitoso de folhear, ainda que o mais dificultoso de compreender, porque esse vive, e os outros livros são almas embalsamadas. Toda a Europa, a Arábia, a Palestina, o Egito, a Índia, a Austrália, as duas Américas, as Ilhas do Pacífico, terras fortemente estudadas, finamente assimiladas, lhe penetraram no espírito para sempre: — e, como aquele de quem cantou o poeta, também ele traz "o mundo em si, com as cidades e os homens..." "Para conversar afectuosamente com as Nações, como deseja Montaigne — não se importou jamais que elas fossem amarelas, ou cor de breu, que vestissem cabaia ou jaquetão de cheviote cortado na City, ou nem jaquetão nem cabaia, e apenas um colar e uma lança aguda. E, assim, de todas as sociedades em que mergulhou recebeu um ensino inestimável, o mais fecundo e o mais puro, o ensino de que todo este largo mundo é uma pequena cidade, a verdadeira cidade, entrevista por Epicteto, onde a diversidade dos hábitos esconde a identidade das almas, e onde Deus só espera que todos os que a habitam verdadeiramente se entreamem para então a tornar celeste e a habitar. Ele também. Se as viagens a todos trazem riqueza intelectual — a Eduardo Prado deram riqueza moral. E eis a vantagem, quando se trota no Globo, de ir mais pensando do que assobiando".

Tractando, em seguida, de mostrar que "este mesmo impulso de curiosidade e rápida simpatia humana, que espalhou Eduardo Prado através dos continentes, o concentrou no estudo apaixonado da História", afirma Eça de Queirós: "E, nesta outra peregrinação, não se contentou também em observar a fachada monumental dos Tempos, feita de Reinados, de Leis, de Tractados, de Núpcias, de Rebeliões, de Guerras, toda salpicada de nomes e datas, com semblantes de heróis em gesso ou már-

more: mas penetrou para além da fachada sintética, no esforço de conhecer sobretudo o pensar, o sentir, o viver costumário, o ser moral, a alma palpitante dos Tempos". "Eduardo Prado é sobretudo um amigo dos homens. Por isso na História procurou sempre aquele coração íntimo das multidões, que nunca se mostra nos Anais e as vezes surge nas Anedotas, e que com a sua eterna mistura de credulidades, desalentos, terrores, sacrifícios, coleras, extases, mortificações, nos faz fundamente sentir a funda unidade humana, renova através dos séculos a fraternidade das gerações, e me torna, a mim que escrevo, um contemporâneo moral dos remotos escribas que gravaram as Lendas de Izdubar sobre os tijolos duros da Assíria".

Eça de Queirós, acentuando que "a leitura da História, assim dirigida, desenvolveu nele um dos seus fortes sentimentos inatos — o amor do Passado", faz ver que "este culto do passado não só atua sobre o desenvolvimento incansável da sua cultura — mas dirigiu docemente a evolução da sua conciência", devendo o seu catolicismo talvez mais a ele que às influências da educação. De resto — no seu sentir — a esse amor do Passado pode ainda ligar-se a sua "ruidosa cólera" ante a Revolução de 1889 e o desaparecimento do Império, colera que o advento do jacobinismo agravou e azedou, insanàvelmente.

E, pondo em evidência "o seu mais cativante dom — o seu espírito de sociabilidade", ainda escreve: "Eduardo Prado é uma alma superiormente sociável. E de certo esta superioridade ressalta com brilho inegável de sol, pois que os amigos, os indiferentes, os que o praticam desde longos anos, os que o conheceram durante uma curta tarde, os que ele favoreceu, os que ele despeitou, os que só dele colheram carinho, os que só dele receberam sarcasmo, todos se juntam para afirmar que — pela inata alegria, pela vivacidade de inventiva, pela veia ricamente cômica, pela abundância e delicioso humorismo da anedota, pela simplicidade que se pueriliza permanecendo fina, pelo elegante desdém da ostentação, pela bendita facilidade em se interessar, pela prontidão do entusiasmo, pela inteligente mansidão, pelo apego afectivo, não há mais desejável companheiro!"

Depois de exaltar as excelências do seu estilo, assim termina Eça de Queirós o seu magistral estudo: "Eis aqui, pois,

um brasileiro singularmente interessante, que na verdade honra o Brasil. E eu, meramente arrolando, sem as estudar, algumas das qualidades, doces ou fortes, que ele herdou da sua raça, e a que deu relevo e rebrilho todo seu, sinto a dupla felicidade de louvar, através de homem que tanto prezo, terra que tanto amo".

A intimidade, que os enlaçou, durante anos ininterrompidos, ajudou Eça de Queirós a melhor compreender o luzido companheiro dos seus melhores dias de Paris, autorizando-o a emitir, a seu respeito, tão seguro, aprumado e exacto juizo...

Essa intimidade — seja aqui dito — fotografa-a este tópico de uma carta escrita, em 1892, por Eça de Queirós a Oliveira Martins: "De Prado acabo de receber um telegrama, dizendo que parte. Chegaram aqui a desconfiar, por certos factos singulares, que ele voltaria para o inverno, casado! A não ser porém que tivesse amado, desposado, emalado e partido no mesmo dia, não se realizou de certo essa *despradização* (porque Prado casado perde toda a graça prádica)".

Eduardo Prado, de sua parte, dedicou ao seu dilectíssimo companheiro e amigo notável trabalho, publicado, em primeira mão, na "Revista Moderna", e depois incorporado ao primeiro volume das suas "Colectâneas". (6)

---

(6) Nesse trabalho, faz-nos o cintilante publicista brasileiro interessantes e preciosissimas revelações sobre a vida e os habitos e os gostos do grande homem de letras, na capital do mundo.

Diz ele: "As tardes dos seus domingos são consagradas a longos passeios pelos cais do Sena, quer estejam eles sombreados pelas árvores verdes, no verão, ou varridos pelo vento frio do inverno, soprando por baixo dos arcos das pontes e que o obriga a levantar a gola do seu grosso sobretudo. São longas as suas estações em frente aos alfarrabistas e nunca volta ele para Neuilly sem alguma estampa portuguesa ou alguns volumes de velhas coisas peninsulares, crónicas, sermões, vidas de santos, obras de mistica, portuguesas ou espanholas, que depois leva horas a consertar, a tapar os buracos dos bichos, a lavar, a polir com vernises antissepticos, matadores dos micróbios que colonisam, de preferência, naquela literatura.

Um dia, fez vir de Portugal o Dicionário Bibliográfico de Inocêncio. O que diria Camilo Castelo Branco se soubesse? Perguntaria, decerto, notícias daquele escritor em quem sempre reconheceu talento, mas em

Não se limitou, contudo, a sua amizade às inesquecíveis praticas de Neuilly e de Rivoli e ao interessante trabalho que o festejado artista lhe inspirou. Quis mais.

Eduardo Prado, com efeito, como se não conformasse, depois do casamento, em viver longe de Neuilly, e precisasse de ir a São Paulo, planejou arrastar Eça de Queirós para o Rio de Janeiro, sendo a fórmula que, para isso, lhe parecia mais viável, fazer do Cônsul de Paris e Havre embaixador de Portugal e Brasil. Como Eça, com quem falara, se lhe figurasse concordar, chegou mesmo a telegrafar para o Rio afim de que preparassem o palácio em que o autor d'"A Reliquia" deveria ser hospedado com a família.

---

quem sempre viu ou fingiu ver um estrangeirado, anti-português. E a maior ponto subiria a sua admiração, sabendo que aqueles volumes do Inocêncio estão acrescentados, anotados, corrigidos. E' para Eça de Queirós mais alegre o domingo em que traz para casa algum livro português, não citado pelo bibliografo. — Não está no Inocêncio! diz triunfante, mostrando o volume descoberto nos parapeitos dos cais".

Ainda diz: "O seu gosto artístico, no apreço e na disposição das coisas materiais, é simples, espontaneo, natural. O antigo janota que teve discussões terríveis com a alfandega de New-York, que duvidava que a imensidade de gravatas que havia nas bagagens de Eça de Queirós fosse para um só pescoço, é hoje modesto, no asseio imaculado da simplicidade da sua roupa. Nunca teve a fraquesa do *bric-á-brac* e, ainda hoje, conta a sua desilusão com um celebre cofre de suposto Capo di Monte, comprado como preciosidade extraordinária e que um perito avaliou, anos depois, em 10 francos. E sobre a mesa está sempre o cofre, na sua eloquente falsidade, a dar uma lição muda da vaidade das coisas".

Diz mais: "As leituras de Eça de Queirós são rápidas e múltiplas. As vezes, são feitas em voz alta e de tal modo, que não há versos que pareçam maus quando ele os lê com bôa vontade; e prosas bem incolores tornam-se eloquentes. De vez em quando, faz dessas leituras, tendo em mão um volume de Vitor Hugo. E' um delírio".

E logo em seguida: "Na simplicidade da sua vida de Paris são-lhe absolutamente indiferentes as seduções de uma notoriedade estrangeira e fácil. Aquele autor traduzido em inglês, em alemão, em espanhol, em francês, em sueco, em italiano, em holandês, faz o desespero dos *reporters* e da nuvem de indivíduos que, em Paris, se ocupam de literaturas exóticas. E' inacessível; não vai a jantares literários; não vai a congressos, nem a almoços da imprensa; não procura os homens celebres de hoje nem os de amanhã; e recusa-se, com tenacidade, ao envenenamento da má cosinha das donas de casa que, em Paris, cultivam o *bas-bleuismo* internacional, a pretexto de raça latina, união dos povos, literaturas do sul e outras formas elevadas de um mesmo *rastaquerismo*".

Eduardo Prado conclue com estas palavras as inestimáveis considera-

Tudo, porém, ficou na imaginação e no desejo de Prado... O seu projecto não teve andamento e a sonhada ida nunca se realizou... (7)

E não teria Eduardo Prado exercido qualquer influência nas tendências morais de Eça de Queirós?

A última fase da vida de Eça é a do seu nacionalismo, a da sua amorável reconciliação com a terra do berço, como a primeira fora a fase destrutiva, demolidora, a fase da ironia contundente e do implacável achincalhe às coisas e aos homens do Portugal constitucionalista, de 1820 para cá.

Pois bem: pode, muito atendìvelmente, conjecturar-se que Eduardo Prado tenha influìdo na germinação e no desenvolvimento desse nacionalismo, que reponta, vigoroso, n'"A ilustre Casa de Ramires" e poderosamente se acentua n'"A Cidade e as Serras", seus dois últimos romances.

Muito atendìvelmente, sim, porque, sobre ter Eduardo Pra-

ções sobre o seu grande irmão em espírito: "Eça de Queirós tem a vida ideal de um artista, graças a Deus, como costuma ele sempre dizer, quando fala de um bem que lhe sucedeu ou de um mal evitado, nunca esquecendo de acrescentar: Se Deus quizer — quando fala de algum projeto.

Deus entrou-lhe em casa. Mas, como se tratava de um manso e humilde de coração, não veio precedido de trovões e violências; *Veniam ad te tanquam fur*... Veio subtil e inesperado, como o roubador a quem Deus se compara na Escritura. Veio com a felicidade serena. Aquele a quem Eça de Queirós, na sua fatuidade de moço, não quis vêr outrora nas margens do lago de Genesareth, veio pagar-lhe a visita não feita, assentando-se, Hospede Invisível, á sua mêsa, abençoando-a e tendo-se feito primeiro anunciar pelas criancinhas a quem sempre amou".

(7) A respeito escreveu Alberto d'Oliveira, na sua obra citada: "Não sei se Portugal compreendeu todo o alcance político e diplomático dos serviços, aparentemente só literários, que Eça de Queirós assim lhe prestou. Mas parece-me bem que não compreendeu. De outro modo seria inexplicável que a nenhum governo português, a nenhum ministro nosso dos negócios estrangeiros tenha acudido este pensamento tão natural: transferir o autor da *Reliquia* dos vagos postos consulares da Inglaterra e da França onde perdeu tantos anos tediosos, para a legação efetiva, militante, do Rio de Janeiro. E' superfluo provar que não havia em Portugal pessoa alguma na posse de títulos, comparáveis aos de Eça de

do, em elevado grau, o sentimento da terra mãe, era impregnado, como o próprio Eça elucida, de um "carinho quase filial ao velho torrão lusitano", amando Portugal, como poucos portugueses, com um amor tão inteligente e crítico", em que não entrava "sentimento atávico, e que todo ele nascia da observação, da comparação e dum estudo atento feito por meio de jornais, depois completado por meio de leituras" e encantando-o e apaixonando-o tudo o que se prendia à sua história como tudo o que se prendia à etnografia portuguesa, tradições, lendas, superstições, festas, cantigas, anexins, costumes populares, etc.

Estas ideias é evidente que Eduardo Prado, cujas relações de amizade com Eça se estreitavam de dia para dia e cuja compreensão mútua de mais a mais se solidificava, não teria deixado de infiltrar, através das suas palestras e possìvelmente da sua correspondência, no espírito do grande homem, que, afinal, por elas se deixou dominar, inteiramente.

E' esse, todavia, um problema, que aguarda a solução dos entendidos.

O Brasil, além de tudo o mais, foi louvavelmente sensível ao devotamento do eminente escritor por ele e pelos seus grandes

---

Queirós, para exercer com brilho, êxito e proveito excepcionais, as funções de nosso ministro no Brasil". "Numa palavra, imagino que Eça de Queirós no Brasil, tão multiforme eram o seu gênio e o seu encanto, faria época. A sua influência no estreitamento dos laços (e até no desdar dos nós cegos) que unem portugueses e brasileiros, teria ido muito além dos limites da diplomacia normal. E, chegado a esta conclusão, estou verdadeiramente vexado para obter perdão para tantos governos do meu país que se esqueceram de mandar ao Brasil, como seu altissimo embaixador, a pessoa que mais grata podia ser ao total dos Brasileiros.

Entretanto, a ideia não é inedita, nem me é permitido, graças a Deus, reivindicá-la como só minha. Teve-a um dia Eduardo Prado, chegou mesmo a fazê-la admitir de Eça de Queirós e a dar alguns passos para a submeter á apreciação de um governo nosso. Mas logo a seguir foi a própria família do grande escritor que o persuadiu a abandoná-la. Por essa época, Eça de Queirós, já gravemente atingido na sua saúde, passando invernos tormentosos de quasi completa inação, não estava em estado de empreender tão longa viagem, nem de pôr ombros a uma empresa que reclamava um espírito alegre e animado num corpo forte. E pouco depois a Morte levou-o".

filhos e, em 1923, erigiu-lhe uma estátua num dos trechos mais aprazíveis da "cidade maravilhosa". Era o levantado e nobilitante galardão!

Durante muito tempo, interrompeu-se, no Brasil, a leitura de Eça de Queirós... Consequência, de certo, da invasão do nosso ambiente literário pelas chamadas doutrinas modernistas... Agora, porém, com o crescente abalo na influência dessas doutrinas, volta-se a reestudá-lo — aí estão os proficientes trabalhos de Viana Moog, Álvaro Lins e Clóvis Ramalhete — e, com a reedição dos seus livros, recomeça-se a ler o insigne português, se não com a sofreguidão de antanho, pelo menos com acentuado e inegável interesse...

Num tempo em que ainda reina o mais completo descaso pela dignidade da forma e pelos primores da boa linguagem, parabéns às novas gerações literárias, que — convencidas, em tempo, da verdade da sentença de Boileau de que "sem a língua, em uma palavra, o autor mais divino é sempre, por mais que o faça, um mau escritor" — irão assim aprender, em Eça de Queirós, a alta e eterna lição do estilo, nele que, como diz Ramalho Ortigão, elevou a uma perfeição de relêvo, de colorido e luminosidade, que nunca antes dele se atingira (nem mesmo depois dele — dizemos nós) o que pròpriamente se chama *a arte de escrever*...